

## FREUD E A ÉTICA DO FRAGMENTO

Pedro Fernandez de Souza<sup>1</sup>

Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

 <https://orcid.org/0000-0002-7109-8469>

E-mail: pedrofsouza@gmail.com

### RESUMO:

O tema do fragmento e do que é fragmentário perpassa a obra de Freud: pedaços de memórias, vestígios do passado, retalhos de textos são alguns dos elementos que figuram em sua prática empírica e em seu afazer teórico. Não somente o passado reaparece, no presente, por meio de fragmentos, mas também a verdade ou o significado (de um sonho, de um sintoma) pode emergir, na atividade interpretativa e terapêutica, em estado fragmentário. Neste texto, buscamos compreender o papel do fragmento dentro da teoria freudiana; para tanto, focamos nossa atenção no caso do Homem dos Lobos, no qual os fragmentos marcam presença de forma maciça. Nota-se que eles atuam em três dimensões distintas e complementares: a) no próprio conteúdo da neurose analisada; b) no decorrer do tratamento analítico, ou melhor, no método freudiano; c) na redação do caso clínico, isto é, na passagem do tratamento para o campo das palavras escritas. Estudando as relações entre esses três campos, vê-se emergir uma *ética do fragmento* freudiana, na qual nós, enquanto leitores, estamos sempre implicados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Freud; Fragmento; Homem dos Lobos; Construção; Escrita.

## FREUD AND THE ETHICS OF FRAGMENT

### ABSTRACT:

The theme of the fragment and what is fragmentary runs through Freud's work: pieces of memories, vestiges of the past, scraps of texts are some of the elements that figure in his empirical practice and in his theoretical work. Not only does the past reappear, in the present, through fragments, but also the truth or meaning (of a dream, of a symptom) can emerge, in the interpretive and therapeutic activity, in a fragmented state. In this text, we seek to understand the role of the fragment within the Freudian theory; to do so, we focused our attention on the case of the Wolfman, in which the fragments are massively present. We noted that they act in three distinct and complementary dimensions: a) in the very content of the analysed neurosis; b) in the course of the analytical treatment, or rather, in the Freudian method; c) in the writing of the clinical case, that is, in the passage of the treatment to the field of written words. Studying the relationships between these three fields, a Freudian *ethics of the fragment* emerges, in which we, as readers, are always involved.

**KEYWORDS:** Freud; Fragment; Wolfman; Construction; Writing.

---

<sup>1</sup> Doutorando(a) em Filosofia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos – SP, Brasil.

Em Freud, trata-se sempre de fragmentos. Do início ao fim de sua obra, vemos um médico a lidar com restos, com retalhos de um passado esquecido, com detritos da memória, com lascas e nesgas de totalidades perdidas. O artigo de 1899 sobre as memórias encobridoras abre com uma constatação: “em meus tratamentos psicanalíticos (de histeria, neurose obsessiva etc.), estive amiúde na situação de ter que lidar com os fragmentos de recordações [*Bruchstücke von Erinnerungen*] que permaneceram na memória do indivíduo desde os primeiros anos de sua infância” (FREUD, 1899, p. 531)<sup>2</sup>. Essa retenção fragmentária do passado desponta até mesmo no caso dos sonhos recentes, dos quais muitas vezes mantemos não mais do que uma parcela diminuta, como se lê em 1900: “se queremos voltar nossa atenção aos nossos sonhos, temos muitas vezes motivos para queixar-nos de que sonhamos muito mais e de que infelizmente não sabemos disso mais do que esse único fragmento [*Bruchstück*], cuja recordação nos é, ela mesma, particularmente incerta” (FREUD, 1900, pp. 516-517). O próprio sonho, aliás, nos fornece via de regra “apenas fragmentos [*Bruchstücke*] de reproduções” (FREUD, 1900, p. 22), jamais reproduções completas de fatos passados. Assim, se o próprio sonho pode não se nos apresentar senão como fragmento, é notável como nele podem comparecer *fragmentos de memórias*; é o que lemos em 1937: é comum que o paciente nos ofereça “fragmentos de tais memórias [*Bruchstücke dieser Erinnerungen*] em seus sonhos, de valor incomparável em si mesmos, mas geralmente fortemente deformados por meios de todos os fatores que participam da formação dos sonhos” (FREUD, 1937a, p. 44).

Em meio a excertos de textos retalhados, o que pode ajudar o analista em seu ofício interpretativo? Muitas vezes, nada menos que um novo fragmento: “durante a narração de um sonho ou durante a sua análise, ocorre não raramente que repentinamente um fragmento [*Bruchstück*] que julgávamos esquecido reaparece. Esse pedaço [*Stück*] arrancado do esquecimento geralmente contém o primeiro e melhor acesso ao significado do sonho” (FREUD, 1901, p. 691). Assim, não é raro que Freud depare com *lascas da verdade* nos mais diferentes produtos do psiquismo. Em 1937, lemos que nos delírios e alucinações dos doentes jaz um “pedaço [*Stück*] da verdade histórica” (FREUD, 1937, p. 54); encontra-se o mesmo raciocínio num texto quase contemporâneo, *O homem Moisés e a religião monoteísta*: tanto os mitos e fábulas quanto os delírios paranoicos contêm “um pedaço [*Stück*] da verdade”, ou mesmo, para acentuar seu caráter fragmentário, “um pedacinho [*Stückchen*] da verdade” (FREUD, 1940 [1938], pp. 237 e 239). Também a verdade ou o significado de um fenômeno advêm, em Freud, por meio de pedacinhos, de migalhas esparsas e dispersas.

*Stück*, como se pôde notar, é o “pedaço”, a “porção”, a “parcela”. *Bruch*, a “quebra”, a “ruptura”, é palavra advinda do verbo *brechen*, que significa “quebrar”, “romper”. O *Bruchstück*, assim, é um pedaço partido, é uma parcela de uma totalidade rompida; em suma: é o fragmento. O termo é tão importante em Freud que comparece no título do primeiro de seus grandes casos clínicos: o caso Dora é na verdade o “Fragmento [*Bruchstück*] de uma análise de histeria”. A redação do caso é um fragmento porque o próprio caso, sabe-se bem, foi fragmentário: durou três meses apenas, aproximadamente, e foi interrompido (*gebrochen*) por decisão da própria paciente. Fato que faz Freud afirmar: “posso aqui, portanto, oferecer apenas um fragmento [*Fragment*] de uma análise” (FREUD, 1905, p. 169). Mas mesmo o caso do Homem dos Ratos, que durou mais de um ano e, segundo Freud, “conseguiu o pleno estabelecimento da personalidade e a suspensão de suas inibições”, tem de confinar-se a um estado fragmentário quando transposto para as

<sup>2</sup> As citações de Freud são todas provenientes da edição das *Gesammelte Werke* publicada pela Fischer Verlag (Frankfurt am Main), de 1999. Por isso, no texto as referências virão apenas com a data da publicação original do texto em questão; no caso de textos como o caso do Homem dos Lobos (redigido em 1914, mas publicado em 1918), utilizaremos a notação mais comumente empregada nessas situações, com o ano da publicação primeiro, seguido do ano da redação entre colchetes, como por exemplo “Freud (1918 [1914])”.

palavras escritas: o que o texto contém, lemos na mesma página, são “comunicações fragmentárias [*fragmentarische*] advindas de um caso clínico de neurose obsessiva” (FREUD, 1909, p. 381)<sup>3</sup>. Por que, nesse caso, houve fragmentação, se o próprio caso a ser narrado não foi em si mesmo fragmentário? Tentaremos lidar com essa questão nas páginas seguintes.

Para tanto, iremos perquirir os “fragmentos” que compõem num outro caso clínico de Freud: o Homem dos Lobos. Nesse caso, com efeito, a presença dos fragmentos é tão maciça e marcante que não pode ser ignorada. Por meio de uma leitura do texto de 1918 focada nos tantos fragmentos que nele fazem presença, poderemos investigar seu papel dentro da teorização freudiana.

\* \* \*

Os fragmentos aparecem, primeiramente, no próprio *conteúdo* da neurose obsessiva do Homem dos Lobos. De fato, ele é repleto de elementos partidos ou relatalhados, ainda que o fragmento (*Bruchstück* ou *Fragment*) não apareça enquanto tal; além disso, não é nada raro que nas associações do paciente compareçam verbos como “cortar”, “rasgar”, “quebrar”, configurando um campo semântico comum do “fragmentário”. Isso se vincula ao “tema da castração”, com o qual, segundo Freud, o paciente quando criança teve de lidar de modo incontornável; para onde quer que olhasse, notava indícios (*Hindeutungen*) dele:

Quando uma vez às crianças foram repartidos bastões de açúcar [*Zuckerstangen*] coloridos, a governa, propensa a fantasias excessivas, explicou que eles eram pedaços [*Stücke*] de cobras cortadas [*zerschnittenen Schlangen*]. A partir daí, ele se lembrou que uma vez o pai num passeio encontrou uma cobra [*Schlange*] e com seu bastão [*Stoche*] bateu nela, quebrando-a em pedaços [*in Stücke zerschlagen*]. Ele ouviu a história (de Reineke Fuchs), lida em voz alta, de como o lobo quis pescar peixes [*Fische*] no inverno e usou sua cauda [*Schwanz*] como isca, com o que a cauda [*Schwange*] se quebrou no gelo. (FREUD, 1918 [1914], p. 49)

Deixei grafados os termos em alemão por dois motivos: primeiro, porque eles se repetem, e o leitor poderá notar isso conforme avançamos em nossa leitura; em segundo lugar, porque há uma proliferação de termos com o mesmo fonema (*Sch-* ou *St-*). Em linguagem coloquial do português brasileiro, trata-se do som “chiado” (em “caixa” ou “choque”); no alfabeto fonético internacional, o som é chamado de fricativa pós-alveolar surda, recebendo aí o símbolo ʃ, que usaremos doravante para nos referir a ele. Mais tarde voltaremos a esse caráter aliterativo do texto freudiano. Por ora, fiquemos com a parte semântica referente aos objetos fragmentários que, como se pode notar, pululam nas associações do paciente. Essa fragmentação dos elementos presentes na neurose é marcada por Freud até mesmo nos verbos utilizados: as cobras foram *zerschnitten*, não simplesmente *geschnitten*. *Schneiden* é o verbo “cortar”, “retalhar”, mas o prefixo *zer-* denota via de regra a destruição por meio de esfacelamento. É o caso da cobra espancada (*geschlagt*) pelo pau (*Stoche*) do pai: ela foi *zerschlagen*, isto é, foi esfacelada por meio das pancadas. Essa lembrança voltará uma vez mais no texto freudiano, sob a forma de um trava-língua: “... a memória de que o pai bateu numa cobra, deixando-a em pedaços [*eine Schlange in Stücke geschlagen*]” (FREUD, 1918 [1914], p. 72). É o trava-língua do ʃ, é o trava-língua do fragmento.

<sup>3</sup> Por esses trechos é possível notar que Freud emprega não só *Bruchstück*, mas também *Fragment* (seu duplo latino), para se referir ao “fragmento”. Stella Stanford (2016), num interessante artigo sobre as relações entre os fragmentos dos românticos e os fragmentos freudianos, mostra que, para aqueles, há uma diferença conceitual entre os dois termos. Freud, no entanto, ao que nos parece os utilizou como sinônimos, ou melhor, sem traçar uma distinção conceitual entre eles.

Na citação que recém-vimos, emerge já a história de um lobo cuja cauda (*Schwanz*) se rompeu. Não é em vão que esse animal forneça o codinome famoso ao paciente freudiano. No sonho tipo por ele desde a infância, abra-se a janela de seu quarto e ele vê (*schaut*) “com grande medo [*Schreck*]” alguns lobos imóveis sobre os galhos de uma árvore: “eram seis ou sete exemplares [*Stück*]” (FREUD, 1918 [1914], p. 54). Uma peculiaridade marcante desses lobos são suas caudas demasiadamente volumosas; as associações a esse elemento apontam uma vez mais para a castração, e é então que ouvimos a história do lobo e do alfaiate (que em alemão se diz *Schneider*, literalmente “cortador”):

A história diz: um alfaiate [*Schneider*] está sentado em seu quarto ao trabalho, então abre-se a janela e um lobo salta ali dentro. O alfaiate bate [*Der Schneider schlägt*] nele com a vara – não, corrige-se ele, agarra-o pela cauda [*Schwanz*] e o arranca, de modo que o lobo foge dali assustado [*erschreckt*]. Um pouco depois [*später*], o alfaiate [*Schneider*] vai à floresta e vê uma matilha de lobos repentinamente se aproximar, dos quais ele foge subindo em uma árvore. Os lobos ficam primeiro desorientados, mas o mutilado [*Verstümmelt*], que está entre eles e quer vingarse do alfaiate [*Schneider*], sugere [*Vorschlag*] que eles podem montar [*steigen*] uns por sobre os outros, até que o último tenha alcançado o alfaiate [*Schneider*]. Ele mesmo – um idoso poderoso – quer fazer a base dessa pirâmide. Os lobos fazem isso, mas o alfaiate [*Schneider*] reconheceu o visitante castigado e de repente grita, como fizera antes: Agarra o cinza pela cauda [*Schwanz*]! O lobo sem cauda [*schwanzlos*] se assusta [*erschrickt*] com essa memória, corre dali e todos os outros caem. (FREUD, 1918 [1914], p. 56).

O medo (*Schreck*) do sonho se espelha no medo sentido pelo lobo na história; também a cauda (*Schwanz*) reaparece, e novamente ela é destacada, recortada do corpo do animal; outra vez vemos a ação de “bater” (*schlagen*), que agora deixa mutilado (*verstümmelt*) o visitante importuno do alfaiate (*Schneider*). A mutilação (*Verstümmelung*), por sua vez, irá retornar em páginas posteriores do texto. É o caso de um dos criados por quem o paciente quando criança tinha muita pena: “ele não podia falar supostamente porque lhe haviam cortado [*abgeschnitten*] a língua” (Freud, 1918 [1914], p. 120). Ele mesmo, quando criança, tivera uma alucinação de uma quase-mutilação, em que comparece novamente o medo: “de repente, com um medo [*Schreck*] indescritível, notei que eu tinha cortado [*durchgeschitten*] o dedo mindinho [...] da mão, que ele pendia somente pela pele” (FREUD, 1918 [1914], p. 118).

Em todos os casos, temos corpos que se despedaçam (as cobras, por exemplo) ou membros corporais que se abstraem do todo ao qual pertenciam antes (a cauda, a língua, o dedo). É sempre o tema da castração que martela e martela, insistente. Ele pode aparecer onde menos se espera. Os lobos sobre a árvore no sonho remetem o paciente aos presentes (*Beschenkung*) recebidos no Natal (FREUD, 1918 [1914], p. 62); de fato, ele tivera o sonho na véspera do feriado. O ato de presentear, em alemão, se diz *schenken* ou *beschenken*; o presente é o *Geschenk* (e eis de novo o *f*). Ora, na análise do Homem dos Lobos, o erotismo anal tem um papel predominante: o elemento “fezes” entra em associação com diversos outros, tais como “criança” e “dinheiro”, formando o que Freud chama de “equações simbólicas”<sup>4</sup>. É então que o presente reaparece: “as fezes são o primeiro presente [*Geschenk*], a primeira oferenda de ternura da criança, uma parte do próprio corpo de que ela abre mão, mas apenas em favor de uma pessoa amada” (FREUD, 1918 [1914], p. 113). Freud reconhece em diversas fantasias do paciente uma identificação com a mãe, pela qual ele pode “dar de presente [*schenken*] uma criança ao pai” (FREUD, 1918 [1914], p. 114); por meio das equações simbólicas, as fezes podem assumir o papel da criança nesse ato de presentear. É o caso de uma blasfêmia várias pensada pelo paciente durante sua infância: *Gott-Kot*, isto é,

<sup>4</sup> Para mais detalhes sobre isso, cf. o artigo de Freud sobre as “transformações do instinto” como exemplificadas pelo erotismo anal (FREUD, 1917).

“Deus-fezes”. Freud não somente explica a imprecisão rimada, mas também opera ele mesmo uma figura de linguagem ao repetir (aliterando) o fonema *ʃ* na alteração verbal *scheißen-schenken*: “‘Deus-fezes’ era provavelmente uma abreviação de uma oferta, como as que estamos acostumados a ouvir, na vida, em forma encurtada. ‘Cagar [*scheißen*] em Deus’, cagar [*scheißen*] algo para Deus’ também quer dizer dar-lhe de presente [*schchenken*] um filho, ou receber dele de presente [*schchenken*] um filho” (FREUD, 1918 [1914], p. 116).

Nesse imbróglio identificatório, em que se trocam os papéis (de quem dá e quem recebe o presente-filho-fezes), as fezes assumem em fantasia o papel não só da criança, mas também do pênis:

Ao excitar a mucosa intestinal [*Darmschleimhaut*] erógena, o bolo de fezes desempenha o papel de um órgão ativo para ela, ele se comporta como o pênis contra a mucosa vaginal [*Vaginalschleimhaut*] e torna-se seu precursor, por assim dizer, na época da cloaca. O ato de dar as fezes em favor de (por amor a) uma outra pessoa se torna, por sua vez, o modelo da castração, ele é o primeiro caso de abdicação a um pedaço [*Stück*] do próprio corpo, para ganhar os favores de um outro amado. (FREUD, 1918 [1914], p. 116)

As associações à castração revelam membros decepados, corpos mutilados, animais esfacelados; seu modelo ou precursor, por assim dizer, é o ato de abdicar de um pedaço (*Stück*) do próprio corpo em favor de outrem. Pênis, bebês, fezes – eis objetos que, apartados do corpo a que pertenciam, ganham sentido em sua mobilidade mesma, em sua possibilidade de tornar-se fragmentos. Eles entram num sistema de trocas, de dar e receber fragmentos alheios, que se tornam presentes (*Geschenke*) justamente por terem sido recortados (*geschnitten*) de seus corpos originários.

Essa lógica está presente em todo o caso do Homem dos Lobos, recheado de animais cujos corpos são manuseáveis e retalháveis. Uma de suas memórias infantis traz à cena uma “bela [*schön*] e grande borboleta [*Schmetterling*] com listras [*Streifen*] amarelas”, que o garoto caça, mas cujo pouso numa flor lhe incute “uma angústia assustadora [*schrecklich*]” e o faz “sair correndo gritando [*schreiend*]” (FREUD, 1918 [1914], p. 122)<sup>5</sup>. As associações vão e vêm (Gruscha, sua empregada doméstica da infância; uma pera com listras amarelas na casca (*Schale*)...), e eis que o Homem dos Lobos produz o famoso sonho da vespa (*Wespe*), que ele, estrangeiro advindo do Império Russo, pronuncia *Espe*:

Sonhei que *um homem rasga* [*reißt... aus*] *as asas de uma Espe*. *Espe?* tive de perguntar, o que você quer dizer com isso? – Ora, o inseto com as listras [*Streifen*] amarelas no corpo, que pode picar [*stechen*]. Deve ser uma alusão a Gruscha, a pera de listras amarelas [*gelbgestreift*] – *Wespe*, você então quer dizer, eu tive de corrigir. – Chama-se *Wespe*? Eu de fato acreditei que se chamava *Espe*. (Como tantos outros, ele se servia do fato de não ser um falante nativo para encobrir atos sintomáticos.) Mas *Espe*, isso sou eu, S. P. (as iniciais do seu nome). A *Espe* é naturalmente uma *Wespe* mutilada [*verstümmelt*]. O sonho diz claramente que ele se vingava de Gruscha pela ameaça de castração. (FREUD, 1918 [1914], p. 128)

Mais uma imagem da mutilação: dessa vez o próprio paciente é a vespa mutilada, cujas asas um homem qualquer rasga, arranca (*ausreißen*). Não por coincidência, um verbo da mesma família lexical (*zerreißen*) reaparecerá páginas adiante, num contexto algo diverso, aparentemente sem relação direta com o inseto retalhado. O Homem dos Lobos, ficamos sabendo desde o início do relato, sofria de uma severa prisão de ventre; para evacuar seus excrementos, tinha de submeter-se a lavagens intestinais semanais.

<sup>5</sup> Ainda voltaremos a esse parágrafo incrivelmente aliterativo do texto freudiano.

A análise seria insatisfatória se não explicasse aquela queixa na qual o paciente resumia seu sofrimento. Ela era a de que o mundo estava coberto por um véu [*Schleier*] para ele, e a instrução psicanalítica rejeita a expectativa de que essas palavras possam ser insignificantes ou escolhidas como que ao acaso. O véu [*Schleier*] se rasgava [*zerriß*] – curiosamente – apenas em uma situação, a saber, quando, devido a uma lavagem, as fezes [*Stuhlgang*] passava pelo ânus. (FREUD, 1918 [1914], p. 133)

No sonho da vespa, tínhamos a ação de *ausreißen die Flügel* (“rasgar as asas”); agora, temos a de *zerreißen den Schleier* (“rasgar o véu”). Freud não só nota as repetições: ele mesmo repete termos, indicando a familiaridade dos atos envolvidos. Trata-se, como de costume, do *despedaçar*. Esse véu rasgado, por fim, é interpretado por Freud como aquilo que literalmente separava o indivíduo do mundo: ele queria voltar ao ventre materno para nascer de novo, eis sua fantasia. “As fezes [*Stuhlgang*] são a criança” (FREUD, 1918 [1914], p. 134), resume Freud numa de suas fórmulas lapidárias; ou seja, a *Wiedergeburtphantasie* (“fantasia de nascer de novo”) seria na verdade uma fantasia homossexual de parir um filho ao pai, de “dar-lhe um filho de presente [*schenken*]” (FREUD, 1918 [1914], p. 135): “a fantasia de nascer de novo era aqui, portanto, apenas uma reprodução mutilada [*verstümmelt*], censurada da fantasia de desejo homossexual” (FREUD, 1918 [1914], p. 135).

No sonho, a *Espe* era uma *verstümmelte Wespe*; aqui, uma fantasia é a reprodução *verstümmelte* da outra! Não somente os objetos presentes nas memórias, fantasias e sonhos do paciente são despedaçados, rasgados e quebrados; também suas fantasias se mutilam, apresentando-se ao analista como reproduções *fragmentadas* umas das outras. No caso do Homem dos Lobos, para onde quer que olhemos, deparamos com fragmentos, com seres parcelados ou desmembrados cujos órgãos mutilados são dados e recebidos. O que deve nos chamar a atenção agora é o fato de que, ao iniciar sua análise, o Homem dos Lobos passou a entregar fragmentos de si mesmo não mais ao pai e à mãe – mas ao próprio Freud.

\* \* \*

Essa psicanálise, como várias outras, se desenvolveu num ritmo hesitante. Freud deixou claro que, em certos momentos, parecia estagnada, enquanto em outros avançava, com oferta de novos materiais da parte do paciente<sup>6</sup>. Esse material relatado pelo paciente (suas associações) são quase sempre blocos fragmentários de memórias e fantasias; muitas vezes, inclusive, esses pedaços do passado emergem na sessão como se não fossem nada de muito importante. Logo antes de nos relatar a memória da borboleta diante da qual o paciente sentira medo, Freud ressalta:

Em mutas análise ocorre que, quando nos aproximamos do fim, emerge repentinamente um novo material de memória, o qual até então fora mantido cuidadosamente escondido. Ou certa vez uma observação discreta é lançada, em tom indiferente, como se fosse algo superficial, à qual se adiciona, em outro ocasião, uma outra que faz o médico ouvir com atenção, e finalmente se reconhece, naquela menosprezada migalha [*Brocken*] de memória, a chave para os mais importantes segredos que a neurose do doente recobria. (FREUD, 1918 [1914], p. 122)

<sup>6</sup> Foi nessa análise que Freud recorreu ao que chamaria mais tarde, em 1937, de “heroico meio de fixação de um prazo” (FREUD, 1937b, p. 61). Perante a estagnação do caso, decidiu fixar uma data final a ele, e com isso, segundo o próprio Freud, novo material veio à tona – embora uma boa parte dele tenha se mantido retida e oculta, só vindo a aparecer anos depois (nos novos tratamentos analíticos empreendidos pelo paciente).

O que se seguiu foi o relato, “em tom indiferente”, da memória da borboleta, a partir de cujas associações Freud pôde interpretar várias das fantasias e memórias do paciente (como a do “véu”, que recém-citamos). Ou seja, nesse pedacinho, nessa “migalha menosprezada”, alçada à palavra como se não fosse nada, como se fosse supérflua; em suma: nesse fragmento jazia, condensada, a chave para os “mais importantes segredos” do paciente. Está em ação aqui a centralidade pouco suspeita do *detalhe* no método freudiano, tão bem estudada por Naomi Schor (1980): o diabo mora nos detalhes, também nos detalhes moram as chaves para os enigmas freudianos<sup>7</sup>.

Aqui é que nos vemos diante da segunda dimensão de atuação dos fragmentos no caso do Homem dos Lobos: o primeiro era a própria neurose do paciente, ou melhor, o conteúdo dela; o segundo não é outro senão o próprio *curso do tratamento*. Um tratamento psicanalítico pode ser visto, assim, como uma série de manuseios e utilizações dos fragmentos (de memórias, fantasias, sonhos...) que o paciente vai fornecendo, sessão a sessão, ao seu analista. Ler Freud, nesses momentos, é ler como que a descoberta e a decifração de um grande quebra-cabeças cujas peças vão sendo dadas à medida que o enigma se adensa e se resolve. O interessante é que as peças não estão todas dadas, e é preciso apostar em soluções provisórias para que, em reação a elas, novas peças emergjam. Assim é que analista e analisando constroem juntos um quebra-cabeças vivo, em movimento.

É o caso das chamadas *construções* em análise. Diante de algumas pistas e indícios (*Andeutungen*), Freud vê-se no direito (e no dever) de *reconstruir* uma importante cena da vida pregressa do paciente, de que ele não se lembrava. É a famosa “cena primária” (*Urszene*) do coito dos pais (*more ferarum*, “à moda das feras”, esmiuça Freud), que o garoto teria visto e vivenciado muito cedo, antes do segundo ano de idade, numa noite em que, doente e molestado por uma febre, teria acordado e flagrado os pais na execução do ato carnal. O sonho dos lobos, assere Freud, era em parte uma “reprodução da cena primária” (FREUD, 1918 [1914], p. 70) de acordo com as leis (deformacionais, desfigurativas) do trabalho onírico: o abrir das janelas é análogo ao abrir os olhos; o silêncio e a imobilidade dos lobos representa o seu oposto, isto é, a intensa mobilidade e o alto clamor dos envolvidos na cena; as caudas voluminosas representam a castração, cuja “existência real” é inegável perante a assimetria dos papéis de homem e mulher na cópula... Assim, a cada detalhe do sonho corresponde um elemento da cena primária, reconstruída com um detalhismo impressionante.

Essa cena, jamais lembrada enquanto tal pelo paciente, é pura construção do engenho de Freud? Ele mesmo se faz essa pergunta, indicando peremptoriamente que não. Em primeiro lugar, porque seus *elementos*, seus *pedaços* antes esparsos foram fornecidos por ninguém menos que o paciente. É então que o *fragmento* faz presença nominalmente no texto freudiano. Antes de iniciar a longa investigação dos detalhes do sonho em busca da cena por ele reproduzida, Freud nos fornece uma lista dos “fragmentos [*Bruchstücke*] para a reconstrução”: “um evento real – de uma época muito antiga – ver [*schauen*] – imobilidade – problemas sexuais – castração – o pai – algo temível [*schrecklich*]” (FREUD, 1918 [1914], p. 60). Eis os pedacinhos já conquistados pelo analista, que, apartados, parecem não ter nenhuma relação entre si, mas que, postos assim num quadro sinóptico ainda lacunar, começam a indicar o caminho ao investigador. Freud é um verdadeiro colecionador de fragmentos, e em seu método se depreende um esforço de *síntese*:

<sup>7</sup> Esse mesmo raciocínio está presente no texto sobre *O Homem Moisés e a religião monoteísta*. Como indicam Lo Bianco e Araújo (2007) num interessante artigo, Freud aí “elabora uma teoria da tradição — fundada sobre a valorização dos fragmentos —, com o propósito de explicar a força de sua transmissão através dos séculos” (p. 364); a “tradição” de um acontecimento traumático há muito esquecido ficaria retida justamente nesses *fragmentos* de memória sobreviventes, que contêm aqueles “pedacinhos da verdade”. Para uma leitura sobre as relações entre verdade e história em Freud, remeto o leitor ao ensaio de Michel de Certeau (2021) a respeito do *Moisés*, contido em seu livro *A escrita da história*.

agregar os fragmentos para com eles reconstruir o todo ao qual pertencem de direito, eis um dos objetivos da terapia freudiana.

Essa atividade sintética é análoga e complementar à atividade analítica do seu método interpretativo. Como lemos na *Traumdeutung*, a interpretação de um sonho é “interpretação *en détail*, não *en masse*” (FREUD, 1900, p. 108), isto é, ela há de visar cada elemento, cada *Teilstück* do sonho e o dissecar, tomando-o como se fosse o fio solto de um novelo insuspeito, cuja direção ainda não se conhece. Como diz Freud, o analista não deve tomar o sonho do paciente como um todo (*als Ganzes*), mas sim “mutilado” (*zerstückt*), para que o paciente lhe devolva associações “para cada peça [*Stück*]” do sonho (FREUD, 1900, p. 107). Pede-se que o sonhador associe, pede-se que ele fale o que lhe vier à cabeça a respeito *daquele* elemento específico, e assim é possível conhecer seu sentido. Para Freud, pois, o tecido do sonho é uma colcha de retalhos cuja cola é preciso dissolver mediante a livre associação do sonhador: assim se retoma o caminho da formação do sonho, assim é possível captar os mecanismos com os quais o trabalho onírico opera. Diz, sobre isso, Forest (2010): “a interpretação é o negativo do trabalho do sonho, pois trata-se de desligar o que foi ligado” (p. 179). A interpretação psicanalítica é verdadeiramente *analítica*: o aparelho psíquico *sintetiza* e forja a cena onírica – o psicanalista *analisa* e desfaz o palco, trazendo à luz as engrenagens que o puseram (instavelmente) de pé.

Ora, no caso das *construções* em análise, o que temos é algo quase complementar e simetricamente oposto: o paciente, ao associar, fornece *fragmentos* (*Bruchstücken*) ao analista, que deve coligi-los, coletá-los e conjugá-los numa cena unitária; em suma: deve produzir com eles uma *síntese*, a chamada *construção*. A essa operação Freud dedica um artigo, já em 1937; nele, compara-a com as reconstruções do passado feitas pelos arqueólogos. Também o analista seria um “arqueólogo”, mas um arqueólogo do psiquismo, por assim dizer. Stella Stanford (2016) apontou que, no culto (não só freudiano) aos fragmentos, revela-se o gosto pela arqueologia e pelos materiais fragmentários de que ela dispõe: destroços, detritos, despojos de um passado mutilado cuja importância jaz no tênue limiar entre a relíquia e a ruína. A arqueologia, com efeito, é ponto de comparação para Freud desde antes do estabelecimento de seu método terapêutico; já em 1896 ele comparava o método catártico com as investigações arqueológicas:

Suponha um pesquisador que, ao viajar, chegasse a uma região pouco conhecida, na qual despertasse seu interesse um campo de destroços com restos de paredes, fragmentos [*Bruchstücken*] de colunas, de quadros com letras borradas e ilegíveis. [...] Se o sucesso recompensa seu trabalho, então as descobertas se esclarecem; os restos de parede pertencem à amurada de um palácio ou de uma câmara de tesouros, a partir dos destroços de colunas se completa [*ergänzt*] um templo, as inúmeras inscrições, com sorte bilíngues, revelam um alfabeto e uma língua, cuja decifração e tradução fornecem esclarecimentos inesperados sobre os eventos do passado, para cuja recordação aqueles monumentos foram construídos. *Saxa loquuntur!* [As pedras falam!] (FREUD, 1896, pp. 426-427).

Em 1937, como já dissemos, Freud retoma a comparação com a arqueologia, com a reiteração do cenário fragmentário em que suas pesquisas se efetuam<sup>8</sup>. Há então uma lista de todo o material de que o analista dispõe em seu ofício: fragmentos (*Bruchstücke*) de memórias; as

<sup>8</sup> Convém notar, ademais, que também no caso Dora, publicado em 1905, Freud compara seu método ao arqueológico. Trata-se de trazer à luz “os inestimáveis, ainda que mutilados [*verstümmelt*] restos da antiguidade”. Ora, linhas antes, Freud dissera que, entre os *Estudos sobre a histeria*, de 1895, e o caso clínico ora narrado, a técnica psicanalítica passou por uma transformação radical: o trabalho não mais é diretivo, partindo dos sintomas para saná-los um a um, mas agora é o próprio paciente quem escolhe “o tema do trabalho diário”, é ele quem deve fornecer as associações que guiarão o caminho interpretativo do analista. O resultado dessa alteração técnica? O material para a solução dos sintomas se obtém agora num estado *zerstückelt*, “fragmentado” (FREUD, 1905, p. 169). Ou seja, já em 1905 se percebe que a fragmentação do material empírico é resultado direto da técnica terapêutica e investigativa adotada. O fragmento não é um resultado lateral e contingente do método freudiano; ele é, antes, um dos seus elementos imanentes e indispensáveis.

associações livres, em que alusões (*Anspielungen*) do reprimido se manifestam; indícios (*Andeutungen*) de repetições do reprimido em suas atitudes para com o médico (na transferência) (FREUD, 1937a, p. 44). Trata-se sempre de *parcelas*, de *fatos dispersos*, isto é, de fragmentos cujo sentido reside em sua fragmentação mesma. Faz parte da análise, então, uma tarefa sintética, a de reunir num *todo orgânico e coeso* esses elementos dispersos que o paciente fornece ao analista no decorrer das sessões: “o que se deseja é um quadro confiável e completo [*ein... vollständiges Bild*] em todas as suas peças [*Stücken*] essenciais dos anos esquecidos da vida do paciente” (FREUD, 1937a, p. 44). Aqui, a imagem do quebra-cabeças está irresistivelmente perto.

Convém ressaltar, ademais, o *vollständiges Bild*, o “quadro completo”, cujas *peças* (*Stücken*) têm de ser reunidas de forma coesa. Esse quadro *completo* tem relação íntima com o método do arqueólogo que, como lemos em 1896, tem de *completar* (*ergänzen*) a figura do templo a partir de suas ruínas fragmentárias. Essa operação a um só tempo reconstrutora e sintética é novamente ressaltada em 1937: o que o arqueólogo faz com “restos de paredes” e com os “restos encontrados nos escombros” é o que o psicanalista faz com “migalhas de memórias [*Erinnerungsbrocken*], associações e manifestações ativas do analisando”: “ambos têm o direito incontestado à reconstrução a partir da completação [*Ergänzung*] e da conjunção [*Zusammenfügung*] dos restos conservados” (FREUD, 1937a, pp. 45-46). Novamente há *restos, vestígios, resquícios fragmentários* de tempos idos, cujo sentido reside em sua incompletude mesma: eles são indícios de uma *totalidade* hoje perdida. É tarefa do analista, pois, *sintetizá-los* numa construção memorial. *Ergänzung und Zusammenfügung*: o analista tem de *juntar, colocar juntos* (*zusammenfügen*) elementos dispersos e fragmentados num *todo* (*Ganz*), num “quadro completo” coerente, coeso e significativo.

*Saxa loquuntur!* – “as pedras falam!”; no caso de Freud: *Fragmenta loquuntur!* Mas eles só falam com a intervenção do analista. Dos fragmentos fornecidos pelo paciente ao seu analista (são os *Stücken* de si mesmo que ele lhe dá de presente), o analista faz uma reconstrução memorial, completando os escombros e juntando-os. Ora, qual é o próximo passo da análise? Uma construção só tem sentido se o analista a *comunicar* ao analisando, reciprocando as ofertas antes recebidas: uma construção ocorre “quando se apresenta ao analisando um pedaço [*Stück*] de sua pré-história esquecida” (FREUD, 1937a, p. 47). Nós vimos Freud afirmar que o que se deseja numa análise é “um quadro completo” (*ein vollständiges Bild*) desse passado; curioso, então, é que esse “pedaço do passado” seja descrito por Freud, páginas adiante, como *unvollständig*: “cada uma dessas construções é incompleta [*unvollständig*], ela apenas abarca um pedacinho [*Stückchen*] dos acontecimentos esquecidos” (FREUD, 1937a, p. 50). Ou seja, o que o analista deseja é o “quadro completo”; o paciente fornece apenas elementos dispersos e fragmentários; a tarefa do analista é, tomando-os, sintetizá-los num todo; mas mesmo esse todo é um *pedacinho*, isto é, mesmo a *Konstruktion* é um *fragmento* da verdade.

Freud se questiona, com efeito, se a construção é uma criação apenas do analista. A essa questão, ele responde negativamente: não somente os elementos dela foram fornecidos previamente pelo próprio paciente, mas importa também, e antes de tudo, a sua *reação*, tema central do texto de 1937. Caso ele permaneça *frio* a uma construção aventada pelo analista, é sinal de que ela não é certa. É o “sim” ou o “não” do paciente, sua resposta emocional, sua possível resistência, suas subsequentes associações; em suma: é sua reação como um todo o que indicará ao analista o acerto (ou o erro) de suas construções. No Homem dos Lobos, Freud fizera a hipótese de que o *amarelo* da borboleta temível podia remeter à cor do vestido de alguma mulher<sup>9</sup>; a isso, o paciente permaneceu frio. Suas associações tomaram um outro caminho: Gruscha, a pera de

<sup>9</sup> Essa hipótese é altamente freudiana, por assim dizer: em 1899, em seu artigo sobre as memórias encobridoras, na lembrança em questão o indivíduo arrancava flores de um *amarelo* muito intenso; nas associações aparece então uma moça de *vestido amarelo* por quem o paciente se apaixonara quando adolescente (FREUD, 1899). Hoje sabemos que o “paciente” em questão não era ninguém senão o próprio Freud, que travestira uma memória *sua* de infância numa memória alheia.

casca amarela, e assim por diante. Nessa etapa da análise, Freud arriscou uma pequena construção que, nesse caso, falhou; por isso, teve de abandoná-la. Da montagem do quebra-cabeças, portanto, também o paciente toma parte: não só fornecendo suas primeiras peças fragmentadas, mas também reagindo às peças que o próprio terapeuta aventou, rejeitando-as friamente ou reagindo a elas com novas e novas peças.

Assim é que, para Freud, caminha uma análise. De fragmento em fragmento, os cenários arqueológicos vão ganhando contornos mais precisos, e o passado se vai reconstruindo. Da primeira à última sessão, tem-se uma montagem a dois de um quebra-cabeça ainda vivo. A redação de um caso clínico, então, traz em si uma nova dimensão de atuação do fragmento: finda a análise, o terapeuta pega a pena para escrever; sendo agora o redator do caso, tem de reconstruí-lo uma vez mais, com palavras escritas. Mais uma vez o quebra-cabeças tem de ser montado. Suas peças, porém, agora não são entregues a nenhuma pessoa envolvida nos fatos narrados; elas se destinam, antes, a nós, os leitores do texto em construção.

\* \* \*

Nosso papel, nessa montagem e junção dos fragmentos, não é tão passivo quanto se poderia esperar. Já após ter narrado boa parte do caso clínico, Freud inicia a sétima seção do texto (que, com efeito, é *dividido* em tópicos como “Erotismo anal”, “A cena primária”, “A neurose obsessiva”) com um aceno explícito ao seu leitor:

Eu peço ao leitor que se lembre de que eu obtive essa história de uma neurose infantil como um produto colateral, por assim dizer, durante a análise de uma doença em idade adulta. Tive, portanto, que compô-la [*zusammensetzen*] a partir de pedaços [*Brocken*] ainda menores do que os que se encontram disponíveis, habitualmente, para uma síntese. Esse trabalho, que não é habitualmente difícil, encontra um limite natural ali onde se trata de forçar um produto multidimensional [*ein vieldimensionales Gebilde*] ao plano da descrição [*die Ebene der Deskription*]. Devo, portanto, me contentar com expor fragmentos [*Gliederstücke*], que o leitor pode conjugar [*zusammenfügen*] num todo vivo [*zum lebenden Ganzen*]. (FREUD, 1918 [1914], p. 103)

Notemos as repetições de palavras, jamais destituídas de sentido em Freud. Em 1937, ele disse que o analista tem de *conjugar e completar* (*zusammenfügen und ergänzen*) os fragmentos dados pelo paciente num todo coerente; aqui, em 1918, está dizendo que compete ao *leitor* conjugar (*zusammenfügen*) num *todo vivo* (*zum lebenden Ganzen*) os *fragmentos* (*Gliederstücke*) dados por ele mesmo, Freud. *Glied*, em alemão, é o “membro”, é o “elo” (de uma corrente, por exemplo); os *Gliederstücke*, portanto, são *pedaços* que, *passíveis de vinculação sintética*, formam parte de um todo. Esse todo, porém, para que se lhe restitua a vivacidade que lhe cabe, é preciso que o *leitor* o entenda. No “plano da descrição” (isto é, no uso linear de palavras escritas para descrever fatos e hipóteses), não cabem todas as dimensões de um produto tão plurívoco quanto é uma neurose. Ou seja, graças ao seu material de trabalho mesmo, o escritor é como que obrigado a dispor seu objeto em fragmentos; a tarefa de sua síntese num todo vívido (em carne e osso, por assim dizer) é agora tarefa do leitor, e não mais do analista-escritor.

Trinta e cinco páginas depois, Freud inicia a nona e última seção do texto (intitulada “Resumos e problemas”) novamente com palavras dirigidas expressamente ao seu leitor:

Não sei se foi possível ao leitor deste relato de análise fazer um quadro claro [*ein deutliches Bild*] do surgimento e do desenvolvimento da doença em meu paciente. Temo, pelo contrário, que esse não tenha sido o caso. Mas, ainda que não costume defender a arte da

minha apresentação [*die Kunst meiner Darstellung*], desta vez eu gostaria de alegar circunstâncias atenuadoras. (FREUD, 1918 [1914], p. 138)

Aqui temos uma espécie de contraposição entre o leitor e o “quadro claro” (*deutliches Bild*) do caso clínico (que nos remete ao *vollständiges Bild*, o “quadro completo” de 1937). É o leitor quem tem de formar esse quadro claro, mas nem por isso o escritor está isento de responsabilidade com relação à sua clareza. Freud prossegue expondo as “circunstâncias atenuadoras” do caso, lenientes para sua técnica de escrita: “o próprio caso não era particularmente favorável. O que possibilitou a riqueza de informações sobre a infância, o fato de que a criança pode ser estudada pela mediação do adulto, teve de ser paga com a mais grave fragmentação [*Zerstücklung*] da análise e com as correspondentes incompletudes [*Unvollständigkeiten*] na apresentação [*Darstellung*]” (FREUD, 1918 [1914], p. 138). Eis aí o retorno do prefixo *zer-*, de que já falamos: a *Zerstücklung* (a fragmentação, a “mais grave” dispersão) da análise se espelha nas *Unvollständigkeiten* da própria apresentação (*Darstellung*) do caso. Assim é que os fragmentos, que passaram de “dentro” da neurose para “dentro” da análise, agora se encontram “dentro” do texto. O texto do Homem dos Lobos é dado a nós, pois, como um conjunto de fragmentos por sintetizar: primeiro o analista foi presenteado com os pedaços de seu paciente; agora nós é que somos presenteados por Freud com os pedaços da análise.

Nesse sentido, é possível falar de um (inevitável) descompasso entre o *tempo* da análise e o *espaço* do texto. Texto é, em última instância, *espacialidade*; seu tempo é o tempo da leitura, que é ditado pela *lineare Darstellung*, a “exposição linear” dos fatos representados pelas palavras. Num belo artigo, Peter Brooks (1979) diz, a respeito do texto sobre o Homem dos Lobos, que “há uma tensão entre as formas especial e temporal, nenhuma das quais pode jamais ‘saturar’ totalmente a outra, que a exposição tem de recuperar numa relação de complementaridade através de seu próprio enredo sucessivo de evidências, história e solução” (p. 75). Para comunicar inteligivelmente os diferentes processos temporais constituintes da neurose infantil, da neurose adulta e de seu tratamento, Freud se vê “obrigado” a *fragmentar* seu próprio texto; essa é uma forma de, transgredindo a linearidade da palavra escrita, recuperar a fragmentação constituinte da neurose e do caso clínico relativo a ela. Continua Brooks (1979): Freud “tem que conseguir contar, tanto ‘de uma só vez’ quanto ‘em ordem’, a história de uma pessoa, a história de uma doença, a história de uma investigação, a história de uma explicação; e o ‘sentido’ tem de jazer, em última instância, no efetivo inter-relacionamento de todas essas histórias” (p. 76). O “sentido” do texto, aqui, não jaz tão simplesmente na transposição serena e ponto a ponto do seu referente material (os fatos narrados e analisados); o “sentido” do texto freudiano (de um caso clínico) está nessa relação jamais totalmente saturada entre os *tempos* vividos e a *espacialidade* textual. “Compreender” o texto freudiano não é meramente captar o sentido das palavras que o perfazem – embora essa seja uma tarefa necessária, evidentemente –, mas também captar *o que falta a elas*.

Nós antes nos perguntáramos o motivo de um caso como o do Homem dos Ratos ter de confinar-se a uma “exposição fragmentária”. Agora talvez possamos responder a essa questão. Para apresentar e expor (*darstellen*) um caso, Freud lança mão de artifícios, de instrumentos técnicos específicos, isto é, ele desenvolve e emprega uma *arte* (*Kunst*) em sentido lato. Essa “arte da exposição” (*Kunst der Darstellung*) é a transposição de um caso clínico ao “plano da descrição”. Ela implica colocar, em linhas escritas, processos temporais altamente complexos e, o que é mais importante, *não-lineares*<sup>10</sup>. O tempo do texto não equivale, assim, ao tempo da neurose, e nem

<sup>10</sup> Não é apenas no caso do Homem dos Lobos que Freud “se queixa” desse obstáculo formal intrínseco à escrita de um caso clínico. No artigo de 1920 sobre um caso de homossexualidade feminina, Freud contrapõe o que é *linear* e o que tem várias *camadas*: “a apresentação [*Darstellung*] linear não é muito adequada para a descrição de processos psíquicos entrelaçados e que ocorrem em diferentes camadas psíquicas. Sinto-me forçado a fazer uma pausa na discussão do caso e a expandir e aprofundar um pouco o que já foi comunicado” (FREUD, 1920, p. 287). Ou seja, nesse caso, para dar conta, na *linearidade* do texto, daquilo que *não é linear*

mesmo ao tempo do tratamento. Esse descompasso entre o(s) tempo(s) vivido(s) e o tempo da narrativa acaba por *implicar o leitor* nos processos de síntese indispensáveis ao entendimento dos fenômenos relatados. Não se trata, pois, de um leitor universal, que seria “ativo” *a priori*, à frente de qualquer texto; o leitor freudiano é ativo pois tem diante de si um texto que requer, graças às suas propriedades intrínsecas, uma síntese *a mais*. As fragmentações constituintes de uma neurose acabam por se transplantar para o curso do tratamento, cujas fragmentações inevitavelmente se transplantam para o tecido do texto. Mesmo o tratamento mais “completo” terá um quadro “incompleto”, pois sua síntese “num todo vivo” tem de ser feita *fora do texto*; fora dele, mas por ninguém menos que o próprio leitor. Assim, não somente a psicanálise enquanto técnica investigativa e terapêutica é uma ética do fragmento; também o é a sua escrita e, conseqüentemente, a sua leitura. Ler Freud é ser convidado a tomar parte dessa ética e a exercê-la.

\* \* \*

Em seu fundamental *As palavras de Freud*, Paulo César de Souza (1998, p. 56) ressalta uma característica importante do estilo de Freud: o fato de colocar, *diante dos olhos do leitor*, os processos clínicos em seu andamento; um aspecto importante da prosa de Freud, nesse tocante, é ele utilizar os verbos no tempo presente, jamais os situando meramente num passado transcorrido. Em termos gramaticais: é como se o texto freudiano estivesse no aspecto imperfectivo, e nunca totalmente no perfectivo. As ações narradas, apesar de já terem transcorrido de fato no passado, são narradas no tempo presente ou no imperfeito, enfatizando seus efeitos duradouros no presente, implicando o leitor na imediatez gerundial das ações.

Talvez um único exemplo desse aspecto estilístico da prosa freudiana nos seja suficiente. Logo após narrar o sonho dos lobos, Freud nos relata as associações do paciente (precedidas sempre por perguntas *no tempo presente*: “por que os lobos são brancos?”, “como os lobos sobem na árvore?”). Numa dessas associações, o paciente se lembra de uma imagem de um livro infantil com a qual sua irmã costumava assustá-lo: “nessa imagem o lobo se mantinha em pé, com um pé em posição de movimento, com as patas estendidas e as orelhas eriçadas. Ele acha que essa imagem era uma ilustração ao conto da Chapeuzinho Vermelho” (FREUD, 1918 [1914], p. 56). Nessa descrição, a imagem do lobo (do passado) é descrita em aspecto *imperfectivo* (é como se o lobo *se mantivesse nessa posição*, ao menos *na memória do indivíduo*); além disso, ao passar à suposição do paciente, Freud usa o tempo presente, colocando diante de nós, “ao vivo”, por assim dizer, as ações da análise.

Existe, em Freud, assim, para voltarmos a Paulo César de Souza (1998), um “constante olhar para o leitor”, o que “significa convidá-lo a pensar juntamente com o autor”, numa espécie de “pensamento em processo” (p. 29)<sup>11</sup>. “A impressão transmitida é de que o texto é pensado à medida que vai sendo escrito: exposição ‘genética’, pensamento pensante (*pensée pensante*), distinto do pensamento pensado (*pensée pensée*)” (SOUZA, 1998, p. 29). Esse “pensamento em processo” é apresentado ao leitor por meio de diversos recursos estilísticos e terminológicos, como bem os analisou Paulo César de Souza<sup>12</sup>. No caso do Homem dos Lobos, porém, um recurso retórico apenas entrevisto pelo estudioso brasileiro nos parece ser essencial. Trata-se, como já adiantamos, da constante *aliteração* operada por Freud do fonema *ʃ*; a isso se junta a repetição de palavras, morfemas, radicais e prefixos em diferentes passos do texto, que a retórica escolar, a

(processos psíquicos), Freud recorre a pausas e descontinuidades no próprio texto. Algo similar é feito no caso do Homem dos Lobos, em que Freud vai e volta nos temas e nos tempos, sincopando, por assim dizer, a narrativa e a análise do caso.

<sup>11</sup> Nessas passagens, Paulo César de Souza está se baseando em Patrick Mahony, cujos textos ainda não pudemos ler.

<sup>12</sup> Remeto o leitor à primeira parte inteira de seu livro, intitulado “Estilo e terminologia de Freud” (pp. 19-77).

depende do caso, chamará de eco, anáfora, anadiplose, epífora...<sup>13</sup> Tal recurso retórico nos parece assinalar, como que “subterraneamente” (ou melhor: para-além da pura argumentação lógica e silogística), uma afinidade semântica ou nocional entre essas passagens do texto, às vezes distantes de dezenas de páginas.

Para exemplificar isso, nada melhor do que o parágrafo em que Freud nos narra a memória da “borboleta de listras amarelas”:

Muito cedo, meu paciente narrara uma memória do tempo em que sua maldade [*Schlimmheit*] se transformara [*umschlagen*] em medo. Ele seguia uma bela [*schön*] e grande borboleta [*Schmetterling*] com listras [*Streifen*] amarelas, cujas grandes asas terminavam em apêndices pontiagudos [*Spitz*] – uma borboleta-cauda-de-andorinha [*Schwalbeschwanz*], portanto. De repente, quando a borboleta [*Schmetterling*] havia pousado sobre uma flor, um medo terrível [*schrecklich*] do bicho tomou conta dele, e ele saiu correndo dali gritando [*schreiend*]. (FREUD, 1918 [1914], p. 122).

Em alemão, esse parágrafo é tão carregado com o fonema *ʃ*, que é difícil não enxergar aí um recurso retórico. Mas, mais que isso, muitas das palavras que o contêm são reiteradas ao longo do texto (seja antes, seja depois dessa passagem). *Schrecklich*, por exemplo, advém de *Schreck*, o “pavor”, não à toa um dos “fragmentos” (*Bruchstücke*) utilizados por Freud em sua construção da cena primária. As *Streifen* (“listras”) aparecerão logo a seguir, na “migalha de memória” que ilumina os enigmas da neurose: estarão na casca (*Schale*) da pera amarela, cuja memória se associa a *Gruscha*, a empregada doméstica de sua infância; estarão igualmente na *verstümmelte Wespe*, na “vespa mutilada”. A *Schwanz* (“cauda”) marcante da borboleta já havia aparecido com bastante significatividade nas duas narrativas relativas a lobos: numa delas o lobo corta a própria cauda (*Schwanz*) para pescar peixes (*fischen Fische*); na outra, o alfaiate (*Schneider*) bate (*schlagen*) no lobo, ou melhor, agarra e arranca sua cauda (*Schwanz*), de modo que o lobo foge dali com medo (*erschreckt*).

*Schlagen* (“bater”, “espancar”), com efeito, aparece no parágrafo que acabamos de citar, mas precedido por um prefixo: *umschlagen*, que significa, além de “abater” (uma árvore, por exemplo), também “transformar-se”, “tornar-se”. Isso não nos parece destituído de sentido. Mais de setenta páginas antes, Freud usara os dois verbos (*schlagen* e *umschlagen*) um em seguida do outro, num jogo de palavras explícito:

É muito significativo que, na memória do paciente, também despertassem fantasias concomitantes de um tipo totalmente diferente, de meninos sendo castigados e espancados [*geschlagen*], espancados [*geschlagen*] especialmente no pênis; e é fácil adivinhar para quem esses objetos anônimos serviam de bode expiatório a partir de outras fantasias, que retratavam o herdeiro do trono sendo trancado num quarto e ali espancado [*geschlagen*]. O herdeiro do trono era evidentemente ele mesmo; na fantasia, portanto, o sadismo se voltara contra a própria pessoa e se transformara [*umgeschlagen*] em masoquismo. O detalhe que o próprio membro sexual [*Geschlechtsglied*] recebia o castigo permite a conclusão [*Schluß*] de que nessa transformação já participava um sentimento de culpa [*Schuldbewußtsein*], relacionada ao onanismo. (FREUD, 1918 [1914], pp. 50-51).

Lembremos do “trava-língua do pai”: “... a memória de que o pai bateu numa cobra, deixando-a em pedaços [*eine Schlange in Stücke geschlagen*]” (FREUD, 1918 [1914], p. 72). Com a repetição das palavras e fonemas, Freud insta o leitor a captar as afinidades nocionais e semânticas entre fatos díspares e distantes: a cobra em pedaços, fragmentada pelos golpes do pai,

<sup>13</sup> Nos *Elementen der literarischen Rhetorik*, Lausberg (1990, pp. 80-96) dedica toda uma sessão (§§ 241-292) às *Figuren der Wiederholung* (“Figuras da repetição”). É possível ver como Freud, lançando mão de aliterações sucessivas e distantes em seu texto, emprega várias dessas figuras.

se espelham no espancamento das crianças e do herdeiro do trono; essas pancadas influenciam a transformação do sadismo em masoquismo, da maldade (*Schlimmheit*) em medo. Mas, mais que isso, essa repetição é feita na transição entre atividades distintas da teorização: é na passagem entre a descrição do fenômeno e a sua análise que Freud repete o verbo, adicionando a ele um prefixo que, aliado ao contexto, lhe impõe um sentido figurado – *schlagen-umschlagen*. Assim é que, por meio de um recurso retórico, ele indica as afinidades entre as distintas atividades do analista (receber os fragmentos do paciente para, em seguida, uni-los num todo coerente, captando-lhes o sentido). A captação de sentido, portanto, não passa somente pelo aspecto cognitivo ou lógico das operações analíticas, mas também pelo aspecto estilístico do texto cuja função é relatá-las.

Esses recursos estilísticos estão por toda parte, reluzindo nos fragmentos de palavra repetidos e escandidos. Nós vimos como Freud analisa as blasfêmias do Homem dos Lobos por meio de uma aliteração (*scheißen-schenken*); nós vimos como os presentes de Natal (*Beschenkung*) se refletem, páginas adiante, no presente (*Geschenk*) que o menino quer dar (*schchenken*) ao pai e à mãe (as fezes, a criança, o pênis – ou seja, *fragmentos*). Ao narrar os primórdios da neurose obsessiva de seu paciente adulto, Freud enfatiza o fato de ele ter padecido de uma fobia de lobos durante a infância (que se propagou também para as borboletas, como vimos). Passada essa fase fóbica, ela se *transformou* em pensamentos e atitudes obsessivas. Na adolescência, porém, o paciente tivera muito medo de um professor cujo sobrenome era Wolf (“lobo”). A descrição de Freud desse medo temporário? “O destino [*Schicksal*] lhe dera de presente [*schenkte*] um ensejo especial para renovar [*auffrischen*] na época ginásial a sua fobia de lobos” (FREUD, 1918 [1914], p. 66). Aqui é o verbo *schchenken* que se transporta dos desejos da criança para a descrição de um fato de sua adolescência: *das Schicksal schenkte* – numa nova aliteração, Freud brinca com o sentido etimológico da palavra *Schicksal* (o “destino”). Se a criança queria presentear seus objetos de amor com pedaços de si mesmo, foi sua disposição neurótica que recebeu um presente do destino, cujos efeitos pouco prazerosos ele mesmo teve de sofrer.

Uma lista não exaustiva de palavras repetidas e aliteradas é capaz de demonstrar a importância e a frequência desse recurso estilístico e retórico em Freud: *Stock, Stück, Schneider, Schwanz, Schmetterling, Schreck, Schlange, Bruchstücke, schlagen, umschlagen, schauen, Beschenkung, schenken, scheißen, Geschenk, Schleier, verstümmeln, Zerstücklung, Stuhl, Gruscha, Streif, Spitz, Streif...* Essas palavras não apenas têm fonemas em comum, mas podem ser reunidas num quadro sistemático e semântico: elas se referem sempre às cenas e às operações relativas aos fragmentos, nas três dimensões de atuação do fragmento que analisamos neste estudo. Elas *marcam* o texto, fazendo sobressair afinidades insuspeitas entre os trechos em que estão inscritas. É dessa forma que Freud, o escritor, realiza uma costura entre as três dimensões abarcadas pelo seu texto. Assim como nos fragmentos de memórias e sonhos fulgura a chave para o sentido dos fenômenos investigados, também nos fragmentos das palavras de Freud cintila a chave para o sentido de seus textos.

\* \* \*

Os pedaços das cobras espancadas iluminam, de través, o espancamento dos garotos anônimos da fantasia infantil; a cauda abstraída do lobo ilumina, à distância de dezenas de páginas, a cauda da borboleta e o pedaço de si mesmo que o garoto deseja dar aos outros. A tarefa do analista é dar conta desses fragmentos que o próprio inconsciente dispõe no tempo da análise, conjugando-os numa *série*, numa *síntese* coerente e plena de sentido.

Mas na transposição de um processo psicanalítico para um texto escrito, os fragmentos freudianos ganham uma nova e muito fértil área de atuação. Primeiramente, porque a

*Zerstücklung* (“fragmentação”) da análise tem como correspondente as *Unvollständigkeiten* (“incompletudes”) da apresentação do caso. É doravante tarefa nossa, dos leitores, sintetizar num “todo vivo” os fragmentos de que Freud teve de servir-se em seu ofício de escritor. Mas Freud ainda deixa mais espaço e mais função aos fragmentos, ao espelhar, *no plano estilístico* do texto, as operações “estilísticas” (ou retóricas) do próprio inconsciente<sup>14</sup>. Nos fragmentos sonoros das palavras repetidas e aliteradas, a fabricação inconsciente de sentido é *reiterada* e como que emulada. A ética do fragmento em Freud atinge sua *cooperação*, digamos assim, com seu objeto de estudo (o inconsciente). No fim, ela é exemplar o belo lema legado por André Green (1992), cheio de jogos de palavras sem tradução suficiente: “o inconsciente não é um caos desorganizado. Ele é um pensamento não pensado [*une pensée non pensée*]. Para ouvi-lo e entendê-lo [*pour l’entendre*] é preciso falar a *sua* língua e descobrir a sua maneira singular de raciocinar e de ressoar [*de raisonner et de résonner*]” (p. 164).

---

<sup>14</sup> Sobre esse assunto, cf. o belo artigo de Émile Benveniste de 1956 intitulado *Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne*. Segue um trecho esclarecedor: “O inconsciente usa de uma verdadeira “retórica” que, como o estilo, tem suas “figuras”, e o velho catálogo dos tropos forneceria um inventário apropriado aos dois registros da expressão. Encontra-se aí, por toda parte, todos os procedimentos de substituição engendrados pelo tabu: o eufemismo, a alusão, a antífrase, a preterição, a lítotes. A natureza do conteúdo fará aparecer todas as variedades da metáfora, pois é de uma conversão metafórica que os símbolos do inconsciente extraem seu sentido e sua dificuldade, concomitantemente. Eles empregam também o que a velha retórica denomina a metonímia (continente pelo conteúdo) e a sinédoque (parte pelo todo), e se a “sintaxe” dos encadeamentos simbólicos evoca um procedimento de estilo entre todos, é a elipse” (BENVENISTE, 1966, pp. 86-87).

## Referências

- BENVENISTE, Émile. Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne. In : BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale 1*, Paris : Gallimard, 1966, p. 75-87
- BROOKS, Peter. Fictions of the Wolfman: Freud and Narrative Understanding. *Diacritics*, vol. 9, n.01, p. 71-81, 1979
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Editora Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2021
- FOREST, Frédéric. *Freud et la science, Éléments d'épistémologie*. Economica : Paris, 2010
- FREUD, Sigmund. Zur Ätiologie der Hysterie. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band 1. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1896/1999, p. 423-459
- FREUD, Sigmund. Über Deckerinnerungen. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band 1. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1899/1999, p. 529-554
- FREUD, Sigmund. Die Traumdeutung. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bände 2-3. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1900/1999
- FREUD, Sigmund. Über den Traum. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bände 2-3. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1901/1999, p. 643-700
- FREUD, Sigmund. Bruchstück einer Hysterie-Analyse. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band 5. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1905/1999, p. 161-286
- FREUD, Sigmund. Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band 7. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1909/1999, p. 381-463
- FREUD, Sigmund. Über Triebumsetzungen, insbesondere der Analerotik. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band 10. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1917/1999, p. 402-410
- FREUD, Sigmund. Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band 12. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1918 [1914]/1999, p. 27-157
- FREUD, Sigmund. (1920) Über die Psychogenese eines Falles von weiblicher Homosexualität. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band 12. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1920/1999, p. 269-302
- FREUD, Sigmund. Konstruktionen in der Analyse. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band 16. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1937a/1999, p. 41-56
- FREUD, Sigmund. Die endliche und die unendliche Analyse. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band 16. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1937b/1999, p. 57-99
- FREUD, Sigmund. Der Mann Moses und die monotheistische Religion. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band 16. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1940 [1938]/1999, p. 101-246
- GREEN, André. Le mythe : un objet transitionnel collectif. In GREEN, André, *La déliaison*. Paris : Les belles lettres, 1992, p. 147-79
- LAUSBERG, Heinrich. *Elemente der literarischen Rhetorik*. München: Hueber, 1990
- LO BIANCO, Anna Carolina; ARAÚJO, Aline Vieira de. Fragmentos: a construção do histórico em Freud. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 19, p. 359-368, 2007
- SCHOR, Naomi. Le détail chez Freud. *Littérature*, vol. 37, p. 3-14, 1980
- SOUZA, Paulo César. *As palavras de Freud*. São Paulo: Editora Ática, 1998
- STANFORD, Stella. The dream is a fragment: Freud, transdisciplinarity and early German Romanticism. *Radical Philosophy*, vol. 198, p. 25-34, 2016

---

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Pedro Fernandez de Souza. pedrofsouza@gmail.com